

Crítica cultural em tempos autoritários: notas sobre lírica e história em Carlos Drummond de Andrade

Jaime Ginzburg*

Resumo

As relações entre poesia e sociedade em Drummond, sobretudo no livro *A Rosa do Povo*, a partir da concepção de crítica cultural proposta por Theodor Adorno.

Palavras-chave: Drummond; Adorno; Crítica cultural.

Dedicado a Herton Fenner

Por sua própria substância objetiva, a linguagem é expressão social, mesmo onde ela, enquanto expressão individual, se separou abruptamente da sociedade.

THEODOR ADORNO (*Minima Moralia*)

O objetivo deste ensaio é situar alguns elementos das condições de produção do livro *A Rosa do Povo*, de Carlos Drummond de Andrade, levando em conta trabalhos de lumna Maria Simon

* Professor-Adjunto da Universidade Federal do Espírito Santo

e Vagner Camilo, e procurando formular, de maneira breve, o problema da dificuldade de pensar as relações entre poesia e sociedade em Drummond. Como mediação conceitual, é importante a concepção de *crítica cultural* proposta por Theodor Adorno, categoria consistente com as especificidades das condições de produção do trabalho de Drummond.

Para lidar com a perspectiva adorniana, é necessário estabelecer, como referência, uma percepção histórica. Na orientação estabelecida por Florestan Fernandes para compreender a formação da sociedade brasileira, chama a atenção uma ambigüidade importante. Em sua concepção, os mecanismos de transformação social adotados no Brasil mantiveram, constantemente, uma articulação forte entre dois elementos. Por um lado, ocorreu uma modernização técnica, implicando em um processo de urbanização e de aumento da circulação do capital internacional. Por outro, em termos de estruturas hierárquicas, a organização geral da sociedade nunca admitiu mudanças substanciais, mantendo campos de desigualdade que guardam heranças do período colonial, do sistema patriarcal e da economia escravista. As reflexões de Fernandes influíram na produção sociológica brasileira recente, que tem formulado, freqüentemente, a descrição dessa ambigüidade com o emprego da categoria “modernizações conservadoras”.

Podemos associar à perspectiva de Fernandes uma contribuição fundamental de Renato Janine Ribeiro, que estabeleceu uma leitura instigante da formação social brasileira. Para Ribeiro, nossa sociedade viveu traumas que são decisivos e marcantes, em termos coletivos. Esses traumas não são episódicos, mas constitutivos, deles dependem os fundamentos da dinâmica de integração social no Brasil. Como dois grandes campos traumáticos, Ribeiro indica a seqüência violenta de massacres do processo de exploração colonial, e a longa convivência com a escravidão.

A poesia de Carlos Drummond de Andrade estabelece uma perspectiva de reflexão crítica sobre problemas da formação social brasileira. A leitura de sua obra aponta para a dificuldade de pensar sobre o Brasil, em caminhos convencionais. Como formulou Hannah Arendt sobre a história alemã, no caso de Drummond a história não pode ser pensada linearmente, sob o risco de que seu impacto humano seja distorcido ou eliminado. O elevado grau de desumanização exige, seguindo um raciocínio de Theodor Adorno, uma reelaboração da linguagem, das condições de expressão, que enquanto reelaboração formal, constitua também crítica ideológica, e resguarde densidade e indignação.

Em *Crítica Cultural e Sociedade*, Adorno formula um princípio fundamental para entender a produção de Carlos Drummond de Andrade. Toda crítica cultural, explica o pensador alemão, é feita de dentro do sistema cultural, e não de um lugar inteiramente externo. Para que a crítica tenha chance de impacto transformador, é preciso que, em suas condições de produção, leve em conta a linguagem, os valores e os problemas imediatamente presentes à volta do intelectual. Essa necessidade suscita um paradoxo: para criticar a sociedade brasileira, é preciso elaborar o fato de estar dentro dela. Por conseqüência, o crítico necessariamente, em algum ponto, tem de se voltar criticamente sobre si mesmo. Por isso, na perspectiva adorniana, a força do trabalho crítico depende necessariamente dessa consciência de uma contradição, de um movimento dialético, em que a voz crítica percebe em si mesma marcas e limites que remetem à sua inserção no sistema contra o qual quer falar.

O caso de Drummond é muito importante nesse horizonte, pois o autor conviveu diretamente com o governo de Getúlio Vargas, e trabalhou com Gustavo Capanema. Circulou em um meio intelectual em que pensadores extremamente conservadores, como Oliveira Vianna, defensor do branqueamento, e o anti-semita Gustavo Barroso recebiam apoio editorial e prestígio. No período do Estado Novo, Drummond estava no centro da dinâmica do sistema cultural, ideológico e político brasileiro. As reflexões de Sérgio Miceli sobre a cooptação de intelectuais pelo Estado indicam que as articulações entre o poder e o exercício da produção intelectual eram decisivas. Entre órgãos políticos, jornais e editoras eram mantidos, para Miceli, vínculos de cumplicidade que procuravam assegurar às elites o controle ideológico do país. No prefácio que escreveu para o livro de Miceli sobre o assunto, *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil, 1920-1945*, Antonio Candido chamou a atenção, especificamente, para a singularidade da figura de Drummond em um meio de tramas sutis e alianças estratégicas.

Seguindo a proposição de Candido, podemos reforçar, em perspectiva adorniana, a importância de considerar a singularidade do poeta. Em um tempo em que a Revista Careta publicava charges racistas e anti-semitas, e em que intelectuais autoritários gozavam de forte credibilidade, o autor produziu *Sentimento do Mundo* e *A Rosa do Povo*. Lendo esses livros no presente, centenário de nascimento do autor, é importante lembrar o contexto das condições de produção e recepção. Nada facilitava, na segunda metade da década de 30 e nos primeiros anos da década de 40, a elaboração de um pensamento crítico. Em oposição ao pensamento autoritário, excludente, racista, a produção de Carlos Drummond de Andrade problematizou os referenciais ideológicos, culturais e políticos de seu tempo.

Em sua pesquisa sobre o autor, lumna Maria Simon, utilizando para sua fundamentação autores como Michael Hamburger e Theodor Adorno, refletiu a respeito das condições de *participação* - isto é, de envolvimento da poesia com questões sociais e históricas. Simon propõe que em Drummond haveria um “senso de contradição”, que pode ser definido do seguinte modo. Embora haja um interesse pela capacidade de intervenção da palavra, como modo de transformação da sociedade, existe também uma atitude negativa, que encara a poesia e a linguagem da mesma maneira que encara o mundo: criticamente. Por isso, a participação não se dá de maneira efetiva, como engajamento, mas de maneira problemática. Na página 74 de seu livro de 1978, *Drummond: A Poética do Risco*, lê-se: “Entre autonomia e comunicação, entre fechamento e abertura do discurso [...] a ambigüidade, a contradição, são valores que estão no próprio ato da criação poética: enquanto seu mecanismo interno [...] e em suas articulações com o mundo exterior”.

Em recente trabalho, *Drummond: da Rosa do Povo à Rosa das Trevas*, Vagner Camilo apresentou uma reflexão articulando os livros *A Rosa do Povo* e *Claro Enigma*. De acordo com sua análise, a comparação entre as duas obras permite observar uma mudança, pois, em *A Rosa do Povo*, encontramos configurações utópicas, ligadas a expectativas de transformação, e em *Claro Enigma*, manifestações críticas sobre os ideais anteriores, e especialmente sobre a figura do sonhador, em um campo de frustração. É exemplar na formulação do argumento o seu estudo do poema *Sonho de um Sonho*, como decomposição de ilusões, em congruência com as dificuldades presentes no contexto histórico-social.

O trabalho de lumna Maria Simon permite perceber a ambivalência de Drummond com relação à poesia, entre uma determinação para a crítica e um senso de suas limitações. A pesquisa de Vagner Camilo permite acompanhar na trajetória do poeta um movimento de reelaboração de temas, e reformulação de imagens, indicando mudanças na percepção das relações entre poesia e sociedade.

Na perspectiva de Adorno, podemos pensar em Drummond como um crítico da cultura, cujas ambivalências e transformações, muitas vezes, estão articuladas com as suas difíceis relações com o sistema cultural de que faz parte, ou ainda, com as linhas de pensamento dominantes na sociedade brasileira. Poemas como *Áporo* são exemplares de uma postura investigativa, em que o sujeito lírico se interroga sobre o que fazer em um país como o nosso. Essa postura afasta, por um lado, a idéia de que a poesia porta em si mesma saídas imediatas para resolver os problemas do Brasil, e por outro, afasta também a possibilidade de deliberadamente ignorar que problemas existam.

Em *A Rosa do Povo*, as diversas imagens associadas ao senso de limite – a *fragilidade*, a *vida menor*, o *resíduo* – configuram a precariedade das condições de constituição do sujeito, das condições de comunicabilidade, e das possibilidades de ultrapassar os limites da existência. Escrito em tempos de forte impacto do autoritarismo, tanto no Brasil como na Europa, durante a Segunda Guerra, o livro *A Rosa do Povo* traz dentro de si as marcas de limites da própria voz lírica. Em tempos autoritários, a posição crítica aguda se funde com um defrontamento com o pouco, com o menor, com o senso de limite da poesia em um contexto violento e hostil.

As ambigüidades de Drummond em *A Rosa do Povo*, que se espriam, para lembrar uma expressão de Adorno, como uma espécie de *mínima moralia*, reforçando constantemente o senso de limite, podem ser associadas às reflexões sobre a sociedade brasileira de Florestan Fernandes e Renato Janine Ribeiro. As modernizações conservadoras estudadas por Fernandes constituem um referencial importante para pensar na produção de Drummond, sobretudo em livros como *A Rosa do Povo*, em que modernização e inovação tecnológica aparecem constantemente associados a desumanização e reificação, longe do discurso tecnicista autoritário dominante de seu tempo.

A Rosa do Povo pode ser considerada uma obra capaz de apontar para nossa violência constitutiva. Nas diversas referências ao passado histórico brasileiro, como em *Nos Áureos Tempos e Nova Canção do Exílio*, encontramos sinais, por vezes obscuros, do impacto traumático de nossa formação social. Como mostrou Vagner Camilo, de *A Rosa do Povo* a *Claro Enigma* ocorre uma mudança na forma de representação do passado, em que aumenta a presença do noturno, das trevas. Isso mostra que o esforço crítico do autor em *A Rosa do Povo*, marcado por forças utópicas, não conseguiu ultrapassar o impacto violento dos traumas históricos. A sociedade brasileira, como mostrou Janine Ribeiro, em seu precário grau de autoconsciência histórica e capacidade de elaboração da memória coletiva, em sua *vida danificada*, não pôde superar esse impacto.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor. Crítica cultural e sociedade. In: _____. *Prismas*. São Paulo: Ática, 1998.

- ADORNO, Theodor. *La ideologia como lenguaje*. Madrid: Taurus, 1982.
- ADORNO, Theodor. *Mínima moralia*. São Paulo: Ática, 1992.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. A rosa do povo. In: _____. *Nova reunião*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987. v. 1.
- BENHABIB, Seyla. Hannah Arendt and the redemptive power of narrative. *Social Research*. V. 57. n. 1. New York: New School for Social Research, spring 1990.
- CAMILO, Vagner. Drummond: da *Rosa do Povo* à *Rosa das Trevas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- FERNANDES, Florestan. *Mudanças sociais no Brasil*. São Paulo: Difel, 1974.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil, 1920-1945*. São Paulo: Difel, 1979. Prefácio de Antonio Candido.
- RIBEIRO, Renato Janine. A dor e a injustiça. In: COSTA, Jurandir Freire. *Razões públicas, emoções privadas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- SIMON, Iumna Maria. *Drummond: uma poética do risco*. São Paulo: Ática, 1978.